

O Financiamento das Ciências Sociais. A Estratégia de Fomento da Fundação Ford e da Finep — 1966-1985 *

Marcus Faria Figueiredo

Introdução

O texto que se segue apresenta um relato da atuação de duas das principais agências de financiamento das Ciências Sociais no Brasil, responsáveis, nos últimos 20 anos, pela constituição da atual comunidade de cientistas sociais brasileiros: a Fundação Ford e a Financiadora de Estudos e Projetos — Finep. Cabe destacar, ainda, o papel desempenhado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Capes e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq, nacionalmente, e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo — FAPESP, no âmbito do Estado de São Paulo.

Como veremos adiante, essas agências expandiram substancialmente o apoio oferecido às diferentes modalidades de financiamento das atividades na área das Ciências Sociais. Através do financiamento de bolsas de doutorado no exterior e da constituição e modernização de programas de pós-graduação nacionais, elas propiciaram a formação de uma nova geração de cientistas sociais cuja atuação, atualmente, é

marcada por um alto padrão de excelência profissional. Além do desempenho de atividades estritamente científicas de compreensão e explicação da realidade social brasileira, a comunidade de cientistas sociais desempenhou também um papel político importante, notadamente, nos mais difíceis anos do autoritarismo recente. Apesar da repressão à liberdade docente e das cassações e expurgos dentro das universidades, essa geração soube se organizar e conseguir apoio para se desenvolver e preservar a sua independência política e acadêmica. Resistente a qualquer tipo de ciência oficial, pluralizou-se e com isso enriqueceu o debate político e intelectual. Buscou temas para pesquisas voltados principalmente para a resolução de problemas sociais, problemas cuja saliência e dramaticidade foram os únicos determinantes para a sua escolha como objeto.

O apoio financeiro necessário para o desenvolvimento das Ciências Sociais brasileiras nesse período de sua história foi volumoso e sua aplicação foi notadamente criteriosa, tendo como parâmetro de decisão a excelência, a competência e a potencialidade dos mais jovens. Pouco a pouco a

* Agradeço à Fundação Ford por ceder seus dados e a Peter Fry os comentários e esclarecimentos sobre alguns pontos da atuação da Ford. A Finep, pelo apoio à pesquisa que serve de base para este artigo. Ao CNPq, pelo apoio às minhas atividades através de bolsa de pesquisa. A Argelina C. Figueiredo, Maria Hermínia T. de Almeida e Bolívar Lamounier sou grato pelos comentários e sugestões.

própria comunidade passou a desempenhar papel cada vez mais importante nos órgãos decisórios das agências financiadoras e dessa forma, a participar cada vez mais ativamente da administração e distribuição dos recursos.

Essa fase de expansão e consolidação institucional das Ciências Sociais brasileiras começa no início dos anos 60 e torna-se mais vigorosa a partir de 1966. Neste ano, a Fundação Ford inicia as suas operações institucionais junto à comunidade de Ciências Sociais, através de um convênio com a Universidade Federal de Minas Gerais, visando apoiar e desenvolver o ensino e a pesquisa na área de Ciência Política. Nos quatro anos seguintes, como veremos com maior detalhe adiante, a Fundação Ford realizou convênios com as seguintes instituições: a Sociedade Brasileira de Instrução — SBI, com o objetivo de criar o Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política do Iuperj; o Museu Nacional, para apoiar o Programa de Antropologia Social; as Universidades de São Paulo e Federal do Rio Grande do Sul, financiando, em ambas, programas de ensino e pesquisa em *Sociologia Rural*; e, em 1970, a Universidade Federal de Pernambuco, para apoiar o Programa Integrado de Mestrado em Economia e Sociologia — PIMES. Fora do circuito universitário, em 1969, a Fundação Ford apóia o então recém-criado Centro Brasileiro de Análise e Planejamento — Cebrap. Esses convênios iniciais, todos de longa duração, representam nada menos do que 49,8% do total de recursos alocados pela Ford para as Ciências Sociais durante o período aqui analisado (1966-85).

Até início da década de 70, a Fundação Ford foi a principal agência de fomento das Ciências Sociais. Conforme destaca José Murilo de Carvalho,¹ durante esse período a Ford atuou em duas frentes: (1) no apoio à criação de programas de mestrado e (2) no custeio de cursos de doutorado no exterior para uma parcela significativa de cientistas sociais. A partir de 1974 as dotações individuais para bolsas ou verbas para pequenos projetos de pesquisa caem a uma taxa anual negativa de 14% ao ano, até 1984. Esta queda representa um redirecionamento na estratégia de fomento adotada pela instituição. Por volta de 1970, a Fundação Ford já havia fornecido bolsas para um grande contingente de cientistas sociais, que veio a constituir a "primeira" geração de doutores que consolidou os programas do Iuperj, do Museu

Nacional e do Departamento de Ciência Política — DCP da Universidade Federal de Minas Gerais, entre outros. A partir de então, a Capes e o CNPq que já haviam começado a investir mais significativamente na formação de doutores, passam a substituir a Ford nesse papel.

No que se refere à dotação de recursos para projetos individuais médios e pequenos, também observamos mudança. Em 1984 a Fundação Ford transfere para a Anpocs a incumbência de administrar e distribuir esses recursos, a exemplo do que já havia feito com entidades congêneres de outras áreas de conhecimento. A queda de investimento da Ford em dotações individuais, contudo, representa mais uma redução do trabalho do que uma retirada de apoio à comunidade.

Quanto ao apoio institucional, o número de convênios com instituições científicas no período 1966-85 aumenta, enquanto a taxa de alocação de recursos cai a 9% negativos ao ano. Essa queda também não significa uma retirada de apoio à comunidade. O que ocorre é que, após o volumoso investimento inicial nos cinco convênios citados acima, a Fundação Ford mantém, durante o período 1974-85, uma taxa de investimento anual estável da ordem de 0,9% negativos. Aqui, também, assistimos a uma nova estratégia, ou seja, a desconcentração na alocação de recursos, implementada em função da entrada da Finep no apoio às Ciências Sociais.

De uma maneira geral, pode-se dizer que a política de financiamento da Fundação Ford para as Ciências Sociais caracteriza-se, desde meados dos anos 70, pela complementaridade à atuação das agências públicas brasileiras, notadamente a Finep, a Capes, o CNPq e, na área de São Paulo, a Fapesp. Com essa estratégia, a Ford, tem sido sensível às demandas da comunidade, apoiando programas e projetos específicos de pesquisa e complementando itens carentes de recursos nos programas de pós-graduação. Não se retira de cena, mas não mais assume a função de mantenedora de programas e centros de ensino e pesquisa. Essa desconcentração de recursos permitiu à Ford ampliar sua linha de apoio e a quantidade de instituições a serem apoiadas. A partir de 1979 ela passa a apoiar associações voluntárias e instituições voltadas para atividades sociais como, por exemplo, a Associação Brasileira para a Reforma Agrária — ABRA, a Comissão

Pró-Índio, o SOS-Mulher, bem como associações e instituições voltadas para o desenvolvimento cultural. Entre as últimas se beneficiaram principalmente as associações e centros culturais voltados para o desenvolvimento da cultura afro-brasileira.²

Embora eu não tenha feito um exame detalhado das conseqüências dessa mudança de estratégia da Fundação Ford no que se refere aos seus custos e benefícios, creio que sua política atual não representa uma perda drástica para a comunidade de cientistas sociais, tendo em vista o desempenho e a contribuição das agências governamentais. Mesmo porque, como vimos acima, a taxa de investimento da Fundação Ford tem se mantido estável. Ademais, é importante destacar que os maciços investimentos iniciais representavam alocações relativas àqueles anos mas que, no entanto, só seriam desembolsadas nos oito ou dez anos seguintes. Por essa razão, a avaliação correta desse ponto deveria ser feita com base no volume anual de desembolso, para o qual, porém, não se encontram informações disponíveis. Entretanto, uma estimativa da magnitude do apoio oferecido pela Ford pode ser feita a partir da média anual de alocação de recursos pelo valor global dos convênios realizados. Esta média, entre os anos de 1966 e 1985, foi da ordem de 590 mil dólares.³

Como vimos anteriormente, a Finep inicia suas operações de financiamento das Ciências Sociais em 1974 e só paulatinamente amplia sua área de atuação, num movimento que representa claramente o seu papel de dar continuidade ao esforço inicial da Fundação Ford. A Finep segue, praticamente, a mesma trajetória da Ford e aos poucos vai assumindo a função estratégica outrora desempenhada por esta de apoiar vigorosamente os principais centros de ensino e pesquisa de pós-graduação do País.

A participação das Ciências Sociais no orçamento global da Finep entre os anos de 1974 e 1984 é diminuta: representa apenas 1% do total de recursos disponíveis. Mas esse fato nos diz muito pouco, pois a Finep, enquanto um banco de fomento ao desenvolvimento tecnológico e científico, apóia todas as áreas de conhecimento, fazendo investimentos pesados em áreas comparativamente muito mais dispendiosas do que as Ciências Sociais. Assim sendo, temos que analisar a participação da Finep no apoio às Ciências Sociais no âmbito do setor da agência voltado especificamente para a área das Ciências Humanas, ou

seja, o antigo Departamento de Desenvolvimento Social e Regional — DRS.⁴

Observa-se que a participação das Ciências Sociais no orçamento do DRS cresceu sistematicamente de 1974 a 1984.⁵ Como veremos mais adiante, o volume de investimentos da Finep em 1984, em termos reais, estava 56% abaixo dos níveis dos investimentos feitos no biênio 1974/75. No entanto, proporcionalmente, dentre as várias áreas financiadas pelo DRS, o setor da comunidade científica ligado às Ciências Sociais conseguiu recuperar o nível de participação anterior ao enorme corte orçamentário no Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — FNDCT, ocorrido em 1980.

Embora este artigo enfoque mais detalhadamente a atuação da Ford e da Finep, é interessante destacar, sumariamente, a participação da Capes, do CNPq e da Fapesp para efeitos de comparação com o que ocorreu no período que estou considerando. A mudança de estratégia da Ford coincide, como já mencionei, com a entrada e participação crescente do CNPq e da Capes no financiamento das Ciências Sociais.

A participação das Ciências Sociais no orçamento global do CNPq cresce de 4%, em 1974, para 16% em 1984. O aumento constante das dotações do CNPq para as Ciências Sociais revela uma política até certo ponto agressiva: pelos dados disponíveis em seus relatórios para o período 1979-84, a concessão de bolsas no exterior para a área de Ciências Sociais cresceu a uma taxa anual de 23,3%, enquanto o aumento global das bolsas concedidas pelo CNPq deu-se a uma taxa de 11,4%. O comportamento foi semelhante no que se refere às bolsas no País; ou seja, a área de Ciências Sociais apresentou um crescimento anual de 26,4%, enquanto o crescimento global das concessões de bolsa no País foi da ordem de 11%.

A atuação da Capes, como mostra José Murilo de Carvalho, sugere uma divisão funcional de trabalho com o CNPq. No período aqui considerado, a Capes diminuiu sensivelmente (taxa anual de 8% negativos) o número de bolsas individuais concedidas, passando a atuar na forma de apoio institucional. Este último tipo de apoio contempla também a concessão de bolsas para mestrados e doutorandos no País; porém, esses recursos estão incluídos nos convênios com os programas de pós-graduação.

Finalmente, a FAPESP, como uma instituição paulista, limita seu financiamento às instituições do Estado de São Paulo. Mas aí, também, podemos observar um crescimento significativo na alocação de recursos às Ciências Sociais: em 1974 as Ciências Sociais em São Paulo tiveram uma participação correspondente a 8% do orçamento da FAPESP; em 1984 essa participação cresceu para 12%.

Com base nessas considerações gerais, pode-se chamar atenção para o fato de que, de 1966 até os dias de hoje, as Ciências Sociais brasileiras passaram por um período de desenvolvimento acentuado. Comparativamente a outras áreas de conhecimento, a sua participação nos orçamentos das principais agências de desenvolvimento científico cresceu constantemente, ainda que de forma incremental (ver Tabela 1).

TABELA 1
AGÊNCIAS FINANCIADORAS E AS CIÊNCIAS SOCIAIS
APOIO INSTITUCIONAL 1974-1984
% DE RECURSOS ALOCADOS

Anos	FUND. FORD	CNPq	FAPESP	FINEP		
				Geral	DRS	DRS/IDESP
%	%	%	%	%	%	
1974	16,7	0,7	4,1	1,1	1,1	1,1
1975	28,5	1,0	—	0,1	2,2	6,0
1976	2,4	5,0	3,8	—	—	7,3
1977	21,9	3,8	2,0	0,2	6,9	42,8
1978	90,8	2,6	1,7	0,5	9,5	48,1
1979	47,4	5,1	2,2	1,1	17,4	61,7
1980	22,1	7,3	2,5	0,7	12,6	29,1
1981	14,6	14,5	7,1	0,6	12,0	23,8
1982	41,8	15,3	9,7	0,7	15,8	38,4
1983	48,8	19,6	7,3	1,0	16,3	38,8
1984	37,8	16,1	9,0	0,8	21,0	52,6

Fontes: Fundação Ford: Dados fornecidos ao autor pela Fundação.

CNPq e FAPESP: Relatórios oficiais (vários).

Finep: Relatórios oficiais e Pesquisa Finep/desp

- Obs.: 1. Complemento das porcentagens apresentadas referem-se às alocações para as demais áreas de conhecimento.
2. Coluna DRS representa alocações às Ciências Sociais *stricto sensu*.

Esse esforço, como sabemos, resultou na constituição de uma comunidade de cientistas sociais com méritos reconhecidos internacionalmente. A rede de apoio que a comunidade conseguiu estabelecer para 'fundar' o que se poderia chamar a fase moderna das Ciências Sociais no Brasil começou através da Fundação Ford e estendeu-se ao CNPq, à Capes, à FAPESP e à Finep. Essas agências, ao lado de outras de menor porte, mantêm entre si uma divisão funcional de trabalho, espontânea ou não, que permite preservar todos os ganhos que a comunidade conseguiu e acumulou nos últimos 20 anos, a despeito da, e em parte em resposta à repressão sofrida durante o período autoritário.⁶

A seguir apresentarei, com os detalhes que os dados disponíveis me permitem, a atuação da Fundação Ford e da Finep.⁷ A análise que se segue refere-se apenas ao financiamento das Ciências Sociais através de convênios institucionais. Não estão incluídas, portanto, as diversas modalidades de apoio individual, embora em alguns casos tais apoios estejam embutidos em convênios institucionais.

I — A Fundação Ford e as Ciências Sociais

A Fundação Ford começou a operar no Brasil no ano de 1959, quando realizou um convênio com o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas — CBPF, da antiga Univer-

sidade do Brasil. Daquela época até 1985, realizou 289 convênios com instituições de todas as áreas de conhecimento. Ao final dos anos 70, a Ford passou também a apoiar associações voluntárias e instituições cujos esforços e conhecimentos se voltam para o desenvolvimento social e cultural. Durante esse período, foram beneficiadas instituições de natureza diversa: públicas ou privadas, dedicadas ao ensino e pesquisa ou apenas à pesquisa. Esses convênios, dentro do termo geral de fomento à ciência, tiveram por objetivo atender a toda sorte de necessidades da comunidade, desde a formação de pessoal de nível pós-graduado até a realização de congressos, encontros e seminários.

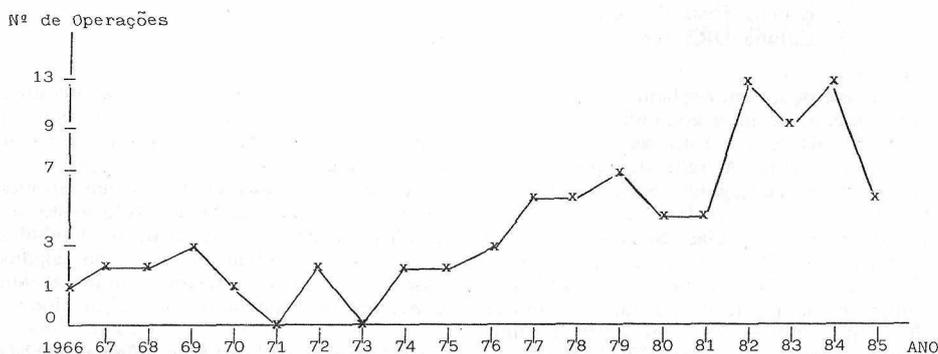
A participação das Ciências Sociais representa 32% de todas as operações e convênios realizados pela Fundação Ford. Paralelamente temos as chamadas Ciências Sociais Aplicadas (Direito, Economia, Administração etc.) que também tiveram uma significativa participação, ou seja, 33% dos convênios realizados pela Ford. Os convênios restantes foram firmados com instituições de outras áreas de conhecimento (14%) e com associações voluntárias (17%). Uma pequena proporção, correspondente a 3% do total, beneficiou a todas as áreas de conhecimento, pois compreendia convênios tendo por objetivo o investimento em

bibliotecas, centros de computação, publicação de periódicos, entre outros.

O apoio direto às Ciências Sociais começa em 1966, com um convênio para desenvolver o ensino e a pesquisa em Ciência Política na Universidade Federal de Minas Gerais. Dessa data até 1974 a política de fomento da Fundação Ford foi seletiva: seus recursos foram concentrados em poucas instituições e os convênios realizados tinham duração de cerca de dez anos. Esses convênios, estrategicamente estabelecidos, tiveram por objetivo o desenvolvimento do ensino e da pesquisa no nível de pós-graduação nas áreas de Antropologia Social, Sociologia, Sociologia Rural e Ciência Política, em instituições localizadas em Recife, Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Com essa estratégia a Fundação Ford lançou as bases dos centros que hoje estão, certamente, entre os principais do País.

Nesse período (1966-74) foram realizados 94 convênios que beneficiaram 33 instituições dedicadas ao ensino e/ou à pesquisa. A mudança de estratégia da Ford no início dos anos 70, com a ampliação da sua faixa de atuação, resultou em um aumento na taxa de crescimento das operações realizadas na ordem de 10% ao ano (ver Gráfico 1).

GRÁFICO 1
A FUNDAÇÃO FORD E AS CIÊNCIAS SOCIAIS
EVOLUÇÃO DO VOLUME DE OPERAÇÕES, 1966-1985



Fonte: Dados fornecidos pela Fundação Ford.

Ano Base: 1966

Taxa de crescimento (i) = 10,78% ao ano

N.º Total de Operações = 94

Esses convênios tiveram objetivos variados que refletem a intenção fomentadora contida na política implementada pela agência. O apoio à atividade de pesquisa, seja na forma de um programa plurianual ou na forma de pesquisas específicas, foi o mais significativo — 36% dos convênios realizados. Os convênios que tinham como objetivo principal o desenvolvimento do ensino e pesquisa em programas de pós-graduação representam 21% do total. Segue-se a essas duas modalidades de financiamento o apoio à realização de congressos, seminários e encontros, que representa 16% do total. O chamado apoio institucional, ou seja, a alocação de verbas destinadas a investimentos em material, equipamentos, aluguéis etc., constitui 13% do total. Os 14% restantes correspondem a convênios destinados a financiar prêmios, publicações, organização de documentação e outras atividades do gênero.

Considerando-se as atividades-fim da comunidade científica, vemos que 57% dos convênios realizados visavam a formação de recursos humanos e a produção de conhecimento. O restante foi destinado a atividades-meio como o patrocínio da circulação do conhecimento e a sedimentação física das instituições.

Esse volume de recursos distribui-se entre as diversas áreas temáticas que compõem as Ciências Sociais. Dada a natureza do material empírico disponível no momento, só me foi possível fazer uma classificação temática disciplinar da destinação desses recursos:

Ciência Política	46%
Sociologia	20%
Antropologia	12%
Ciências Sociais	22%

Somente uma análise detalhada desses convênios permitiria uma depuração maior do leque temático apoiado pela Ford no interior de cada uma dessas disciplinas.⁸ Entretanto, sem maiores preocupações com a distribuição precisa de recursos a cada um dos temas, foi possível destacar alguns temas que se adequam à classificação feita para o estudo da Finep. Observamos, assim, que na área de Ciência Política destacam-se os estudos de comportamento eleitoral, pesquisas sobre o Estado e suas relações com a sociedade e, em maior volume, pesquisas sobre políticas públicas. Na área de Sociologia destacam-se os temas relacionados com a mudança social. Finalmente, na área

de Antropologia encontramos sobretudo temas relacionados com a cultura de sociedades rurais e urbanas, no último caso, notadamente pesquisas sobre a cultura afro-brasileira.

No tocante ao investimento realizado em 26 anos de atuação da Fundação Ford, pode-se destacar o seguinte: de 1959 a 1985, a Fundação Ford investiu, em todas as áreas de conhecimento, o montante de 43,8 milhões de dólares, a uma taxa de 7,7% ao ano — em seu primeiro convênio investiu 100 mil dólares no CBPF e fechou o ano de 1985 apoiando 18 convênios totalizando 637,6 mil dólares. Nesse período, a Ford realizou 289 convênios, cabendo a cada um deles, em média, 151,4 mil dólares. Na área de Ciências Sociais, a Ford investiu 11,3 milhões de dólares, cerca de 26% do seu total de investimentos. Nos 19 anos de atuação nessa área, a Ford alocou 590 mil dólares, em média, a cada ano.

Como foi dito anteriormente, a estratégia da Fundação Ford, no início de suas operações, foi de investimentos concentrados, acumulando operações da ordem de 5,7 milhões de dólares nos quatro primeiros anos de atividade. Esse investimento inicial representa 49% do total de recursos alocados para as Ciências Sociais nesses 19 anos (ver Tabela 2).

Os dados apresentados na Tabela 2 mostram uma taxa de investimento anual decrescente da ordem de 9,4% negativos. Esse fato, porém, decorre da natureza da informação que lhe serve de base. Os valores que aparecem a cada ano referem-se ao total de recursos alocados naquele ano para as diversas instituições. Ocorre, porém, que a maioria dos convênios inicialmente realizados tinha duração de oito a dez anos. Portanto, a taxa global de investimento apurada não reflete o volume de recursos anualmente desembolsado pela Fundação Ford.

Assim sendo, a avaliação das conseqüências da estratégia de investimentos adotada pela Fundação Ford só poderá ser feita mediante o exame dos desembolsos anuais, isto é, somente através do exame dos gastos acumulados pelas instituições *vis-à-vis* seus objetivos, o que não foi possível até o momento. Não obstante esse fato analítico, parece-me importante examinar a estratégia de apoio adotada pela Fundação Ford, tendo em vista a geração da fase moderna das Ciências Sociais brasileiras, no exato momento em que se processava o expurgo dentro das universidades.

TABELA 2
A FUNDAÇÃO FORD E AS CIÊNCIAS
SOCIAIS
INVESTIMENTO NO PERÍODO
1966-1985
(em US\$ 1.000)

ANO	US\$	% ACUMU- LADA
1966	864,0	7,6
1967	1.558,3	21,3
1968	860,1	28,9
1969	1.711,8	44,1
1970	647,0	49,8
1971	—	—
1972	500,5	54,2
1973	—	—
1974	55,0	54,7
1975	925,0	62,9
1976	58,9	63,4
1977	200,0	65,2
1978	251,8	67,4
1979	673,3	73,3
1980	299,4	75,9
1981	136,0	77,1
1982	609,3	82,5
1983	1.040,5	91,7
1984	801,5	98,8
1985	133,2	100,0
TOTAL	11.325,6	

Fonte: Dados fornecidos pela Fundação Ford.

Taxa de investimento (i) = — 9,4% ao ano.

II — A Finep e as Ciências Sociais

As relações institucionais entre a Finep e a comunidade de Ciências Sociais iniciam-se em 1974, através de um convênio com o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ. No ano seguinte, a Finep realizou quatro novos convênios com instituições de Ciências Sociais do Rio de Janeiro. Dessa época até o ano de 1984, inclusive, a Finep firmou 133 convênios que direta ou indiretamente, fomentaram e consolidaram programas de ensino e pesquisas em nível de pós-graduação e apoiaram grupos de cientistas sociais organizados em centros de pesquisa privados e grupos multidisciplinares vinculados a universidades ou órgãos governamentais. Parte desses convênios (16%) foi realizada com órgãos governa-

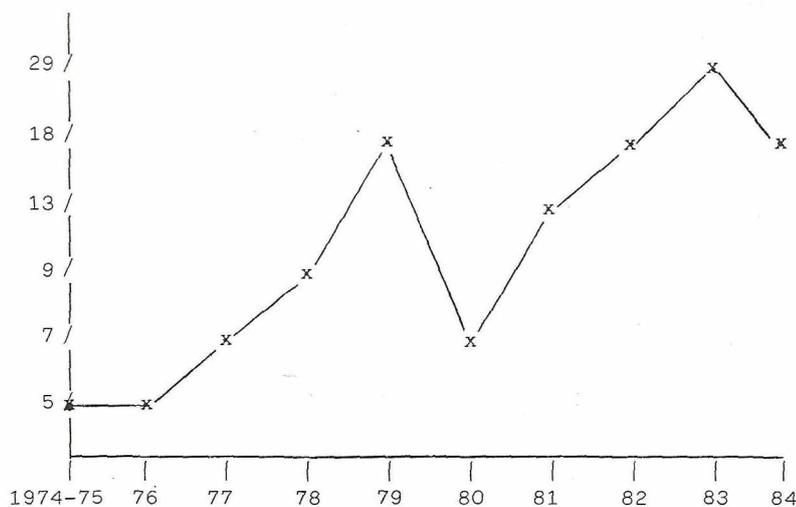
mentais que, por suas funções, realizam pesquisas sociais.

O total de convênios realizados pela Finep foi firmado com 65 diferentes instituições. Dos 133 convênios que compõem a carteira de clientes da Finep, 82 (62%) constituem convênios novos e 51 (38%) são convênios de continuidade. No global, nos 11 anos de atividades de fomento junto à comunidade de cientistas sociais, a carteira de Ciências Sociais da Finep cresceu a uma taxa de 15% ao ano: em 1974 ela inicia com apenas um convênio e fecha o ano de 1984 com 18 convênios assinados (Gráfico 2).

Esse volume de atividades apoiadas pela Finep teve destinação precisa e estratégica para o desenvolvimento e consolidação da comunidade de Ciências Sociais. Desse total, 26% compõem-se de convênios com o objetivo de apoiar os programas de ensino pós-graduado, enquanto proporção equivalente (24%) é constituída de convênios destinados ao financiamento de programas integrados de pesquisa, propiciando a consolidação de importantes centros de ensino de pós-graduação (mestrado e doutorado) e de pesquisa do País. Convênios com o objetivo de apoiar projetos de pesquisa específicos representam 36% do total. Esses últimos foram realizados com instituições tanto da área acadêmica quanto governamental. Finalmente, 14% dos convênios realizados tiveram por objetivo apoiar eventos organizados pela comunidade científica.

A comunidade de Ciências Sociais, no decorrer desse período, solicitou apoio tanto para a realização de pesquisas com duração e grau de complexidade variados, como para a realização de eventos diversos e para a cobertura de gastos institucionais. Considerados unitariamente, esses diferentes apoios perfazem um total de 556 atividades que foram objeto de convênios realizados pela Finep. Assim consideradas, 88% dessas atividades referem-se a atividades de pesquisas individuais ou em grupo, 5% referem-se à organização de arquivos, 5% correspondem à realização de eventos e 2% destinam-se a gastos institucionais. Nesse sentido, dada a natureza dos eventos apoiados (congressos, seminários e encontros), observa-se que, do total de atividades apoiadas pela Finep, 98% correspondem a atividades-fim, revelando um forte apoio à formação de recursos humanos de alto nível e a novas formas de conhecimento.

GRÁFICO 2
A FINEP E AS CIÊNCIAS SOCIAIS
EVOLUÇÃO DO VOLUME DE OPERAÇÕES, 1974-1984



Fonte: Pesquisa do Idesp.
Ano Base: 1974-75
Taxa de crescimento (i) = 15% ao ano
N.º Total de Operações = 133

Do total de atividades voltadas exclusivamente para a realização de pesquisas, identificamos e listamos 454 títulos de pesquisas que, segundo uma classificação disciplinar, assim se distribuem:

Ciência Política	38%	(173 títulos)
Sociologia	45%	(203 títulos)
Antropologia	17%	(78 títulos)

Para financiar esse volume de atividades, a Finep investiu, nos 11 anos analisados, um total de Cr\$ 480,3 milhões (valor constante de 1977), representando um investimento médio anual de Cr\$ 43,7 milhões e um investimento médio de Cr\$ 863,8 mil por atividade.⁹ Tomando-se o total de 133 convênios realizados como referência, verifica-se que a Finep investiu Cr\$ 3,7 milhões por convênio, beneficiando 65 instituições. Em termos de investimento médio, isso significa Cr\$ 7,4 milhões por instituição nesses 11 anos de atuação.

Como vimos, a Finep inicia sua atuação, em 1974, investindo Cr\$ 1.108 mil no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional. Em 1984 foram assinados 18 convênios, perfazendo

um total de Cr\$ 38,6 milhões. Esses dados sugerem uma alta taxa de crescimento do investimento anual. A realidade, porém, é bastante diversa, como mostra a Tabela 3 abaixo.

TABELA 3
INVESTIMENTO DA FINEP NAS
CIÊNCIAS SOCIAIS
1974/75-1984

ANOS	Cr\$ mil (valores de 1977)	%
1974/75	68.618	100
1976	10.217	15
1977	113.838	166
1978	57.770	84
1979	91.419	133
1980	22.613	33
1981	20.191	29
1982	27.031	39
1983	30.002	44
1984	38.586	56

Por essa distribuição podemos ver que a política de investimento da Finep nas

Ciências Sociais passou, nitidamente, por dois momentos distintos. Iniciou acanhadamente em 1974 e cresceu muito rapidamente até 1979. Nesse primeiro período, a distribuição de recursos é intermitente, oscilando muito de um ano para outro. Esses primeiros cinco anos foram marcados por uma política agressiva, caracterizada por grande expansão de recursos e também geográfica. Há que se considerar, no entanto, o fato de que, nessa época, era comum a realização de convênios plurianuais, o que provoca o empenho de verbas em anos intercalados.

O segundo momento da política de investimentos da Finep começa em 1980. A brusca queda de alocação de recursos nesse ano é fruto de um imenso corte orçamentário no FNDCT, única fonte utilizada pela Finep para financiar as atividades na área de Ciências Sociais. Após a queda de 1980, a Finep implementa uma política incremental. A partir desse ano a alocação de recursos para as Ciências Sociais é feita de forma gradual e em ritmo lento quando comparado ao período anterior. Com essa política de recuperação, o DRS chega a 1984 com uma disponibilidade tal de recursos que lhe permite investir Cr\$ 38,6 milhões, que representam 56% do que fora investido nos anos 1974/75.

III — A Finep e a Pauta Temática da Comunidade

Como veremos resumidamente abaixo, a política de expansão geográfica da Finep propiciou a incorporação de temas regionais no debate intelectual e, como ocorreu em muitos casos, a regionalização de temas de referências mais amplas.

Para proceder a uma análise da pauta temática dos estudos e pesquisas na área de Ciências Sociais, usei duas estratégias classificatórias. Primeiro, classifiquei os diversos projetos de pesquisa segundo o grau de especificidade do tema proposto. Seguindo sugestão de Sérgio Abranches, distingui três níveis de especificidade: a *pesquisa pura*, cujo objeto de análise está na área de fronteira do conhecimento e na qual o objetivo do pesquisador está centrado no debate conceitual e de paradigmas de análise e explicação; a *pesquisa temática*, ou seja, a pesquisa empírica que tem como

objeto de análise um fenômeno social, histórica e espacialmente localizado, visando a sua descrição ou explicação, e a *pesquisa aplicada*, classicamente entendida como a pesquisa que visa oferecer diagnósticos sociais e alternativas de solução imediata para problemas específicos.

A segunda estratégia utilizada consistiu na classificação temática propriamente dita, com o objetivo de verificar, substantivamente, o leque de temas que são objeto de preocupação da comunidade de pesquisadores. No último caso, trabalhei com três classificações distintas, contendo diferentes níveis de abrangência: primeiro, a classificação disciplinar do CNPq; segundo, a classificação dos Grupos de Trabalho da Anpocs e, em terceiro lugar, uma classificação própria, tendo por referência o *Sociological Abstracts*, o *American Directory* e o *Handbook of Political Science* para as áreas de Sociologia e Ciência Política. Para a área de Antropologia, utilizei, basicamente, o bom-senso e consultas a colegas, uma vez que não dispunha de publicações do tipo das citadas acima.

A Preocupação da Comunidade: Resolução de Problemas Sociais

Dos 133 convênios apoiados pela Finep no período analisado, 5% destinavam-se à organização de fontes, cujos produtos constituem hoje arquivos disponíveis para consulta. Outros 5% do total de convênios destinavam-se à realização de eventos. Acrescidos a estes um pequeno resíduo de convênios cuja destinação genérica era apoiar o ensino e a pesquisa (2%), verificamos que 88% dos convênios tiveram por objetivo a realização de pesquisas individuais ou de grupo.

Esses últimos, ou seja, os convênios voltados para a realização de pesquisas, distribuem-se, segundo a classificação que toma por base diferentes níveis de especificidade, da seguinte maneira:

Pesquisa Pura	3%
Pesquisa Temática	62%
Pesquisa Aplicada	23%
Outras Atividades	12%

Essa distribuição manteve-se relativamente estável durante todo o período analisado. Apenas no ano de 1984 o volume de *pesquisas temáticas* cai a níveis inferior-

res a 50%; nos demais anos se mantém acima de 60% do total de atividades apoiadas pela Finep. A *pesquisa aplicada*, por sua própria natureza e por ser normalmente motivada por encomenda, oscilou bastante no período: em 1980, por exemplo, representava apenas 7% do total de pesquisas, enquanto que em 1984 representava 47% deste total. Esse tipo de pesquisa, no entanto, manteve no decorrer do período uma proporção sempre superior à observada para as *pesquisas puras*, que nunca ultrapassaram 6% do total.

A Preocupação da Comunidade: o Leque Temático

A análise do leque temático tem por objetivo mostrar os temas substantivos que foram objeto de preocupação da comunidade de Ciências Sociais. Para tanto, serão usados três parâmetros: a classificação temática do CNPq, os Grupos de Trabalho da Anpocs e os resultados de uma pesquisa mais ampla realizada pelo Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social de São Paulo — Idesp.¹⁰

a) Classificação do CNPq

Usando agora a segunda estratégia de classificação temática, vejamos, primeiro, a definição disciplinar do CNPq, pela qual as diversas atividades de pesquisa são assim distribuídas:

Ciência política	%	N.º
Teoria Política	0,6	1
Estado e Governo	6,0	11
Comportamento Político	12,0	20
Políticas Públicas	33,0	57
Política Internacional	9,0	16
Não Encaixáveis	39,4	68
Total	100,0	173

Antropologia	%	N.º
Etnologia Indígena	20,0	20
Antropologia Urbana	9,0	7
Antropologia Rural	13,0	13
Estudos de Pop. Afro-Brasileiras	6,0	6
Não-Encaixáveis	52,0	40
Total	100,0	78

Sociologia	%	N.º
Sociologia do Conhecimento	0,5	1
Sociologia do Desenvolvimento	3,0	6
Sociologia Urbana	8,0	17
Sociologia Rural	19,0	39
Sociologia da Saúde	11,0	22
Não-Encaixáveis	58,5	118
Total	100,0	203

Como podemos observar, a classificação disciplinar do CNPq, mantida por muitos anos, já não é mais adequada para espelhar o leque de preocupações temáticas da comunidade, pois mais da metade dos títulos dos projetos de pesquisa não se encaixam nessa classificação. Mesmo considerando algum desvio ou excesso de rigor de minha parte da interpretação dos objetivos definidos nos projetos analisados, esses vieses não produziram os dados mostrados acima. O fato é que a comunidade de Ciências Sociais cresceu, diversificou-se e com isso elegeu temas e objetos novos que não se adequam mais às categorias com que trabalha o CNPq.

b) Classificação pelos Grupos de Trabalho da Anpocs

Nesse segundo nível de abrangência temática, procurei classificar os diversos títulos e objetivos das pesquisas analisadas segundo os Grupos de Trabalho da Anpocs. Com esse procedimento, tive por objetivo comparar as linhas de pesquisa apoiadas pela Finep com a formação espontânea de interesses no interior da comunidade de cientistas sociais, tendo em vista a maneira como foram formados os Grupos de Trabalho referidos.

Dada a quantidade de Grupos de Trabalho, me vi obrigado a fazer uma classificação prévia dos mesmos. Caso contrário teríamos uma dispersão muito grande. Dessa forma, classifiquei os GTs considerando três eixos: centralidade temática, centralidade do objeto de investigação e base espacial (geográfica). Mesmo nesse nível de abrangência tive dificuldades de encaixar 34% das pesquisas analisadas. O maior problema a esse respeito consistiu em definir qual dos três eixos usados era preponderante. O resultado obtido foi o seguinte:

Temas Gerais	24%	(Estado e Sociedade etc.)
Temas Específicos	14%	(Estudos Urbanos etc.)
Tema-Objeto	6%	(Família e Sociedade etc.)
Objeto	6%	(Elites, Mulher etc.)
Base Geográfica	16%	(Estudos Regionais etc.)
Não Encaixáveis	34%	
Total	100%	(536)

c) Classificação da Pesquisa do Idesp

Nessa classificação, procurei ampliar o nível de abrangência de temas, abrindo ao máximo o leque de preocupações temáticas. Isto me pareceu necessário para melhor apreender o que aparece como o resultado nítido da divisão intelectual do trabalho de investigação, cujos produtos constituem, hoje, boa parte do acervo disponível de estudos sobre os problemas sociais brasileiros e da própria ciência social brasileira.

Vejamos, então, a distribuição dos temas de pesquisa, segundo essa classificação, em cada uma das três disciplinas:

Ciência política	
	%
Teoria Política	0,6
Relações Intergovernamentais	4,0
Governos Metropolitano e Estadual	5,0
Elites	10,0
Forças Armadas	1,0
Grupos de Interesses	2,0
Sindicatos e Associações	6,0
Estado e Empresa Privada	1,0
Movimentos Sociais	6,0
Partidos Políticos	4,0
Comportamento Político e Eleições	8,0
Políticas Públicas	33,0
Política Internacional	9,0
Sociedade e Sistema Político no Brasil	6,0
Mudança Política no Brasil	1,0
Valores, Ideologia e Cultura Política	2,0
Total	100,0 (167)
Sociologia	
	%
Sociologia da Ciência e Tecnologia	5,0
Sociologia do Conhecimento e História das Idéias	3,0

Mudança Social e Desenvolvimento Econômico	5,0
Sociologia Urbana	8,0
Movimentos Sociais	4,0
Estrutura de Mercado e Consumo	0,5
Estrutura de Classes e Estratificação	7,0
Sociologia Rural	18,0
Sociologia da Medicina	9,0
Instituições Carcerárias ou Psiquiátricas	5,0
Demografia	8,0
Sociologia da Educação	1,0
Sociologia Industrial	8,0
Sindicatos	0,5
Sociologia das Profissões	3,0
Métodos, Estatística	0,5
Teorias, Idéias e Sistemas	0,5
Indústria da Cultura	0,5
Sociologia da Arte	0,5
Burocracia	2,0
Mercado de Trabalho e Mão-de-Obra	4,0
Análise de Ideologia	5,0
Família	1,0
Relações entre Estados e Federação	1,0
Total	100 (193)

Antropologia	
	%
Política Indigenista	1,0
Interação Branco-Índio	4,0
Cosmologia, Org. Social Índio	13,0
Análise Lingüística	3,0
Tecnologia Indígena	3,0
Estudos Comparados — Sociedades Tribais	1,0
Rituais	4,0
Comunidade, Grupos Sociais Complexos	14,0
Identidade	6,0
Cultura Negra	1,0
Análise de Ideologia	9,0
Família	6,0
Campesinato e Relações Sociais	14,0

Comportamento Político	6,0	
Religião e Sociedade	1,0	
Hábitos e Cultura Popular	6,0	
Poder e Hierarquia Social	3,0	
Mudança Social	1,0	
Comportamento Desviante	1,0	
Total	100,0	(69)

IV — A Política de Fomento da Fundação Ford e da Finep

De uma maneira geral, já adiantei acima uma clara continuidade de estratégias entre a Ford e a Finep no apoio aos Programas de ensino e pesquisa em nível de pós-graduação. Para mostrar como essa política se desenvolveu nos últimos 19 anos, apresentarei esse item em três partes, a saber: a natureza das instituições beneficiadas; a expansão da base geográfica

dos financiamentos; e como tem-se dado, em termos regionais, a distribuição de recursos dessas duas agências.

Natureza das Instituições Financiadas

O DRS, nos 11 anos de atuação da Finep, realizou 133 convênios com 65 instituições. Desse total, 60% foram firmados com instituições públicas. Os convênios com instituições públicas feitos pela Fundação Ford, por sua vez, representam apenas 39% de um total de 94 convênios. Essa diferença de política de financiamento entre as duas agências se deve ao fato de que a Finep, por ser gestora do FNDCT, se constituiu em alvo privilegiado das principais instituições públicas dedicadas ao ensino e à pesquisa. Desagregando essas informações, vemos com mais detalhes esse aspecto na Tabela 4:

TABELA 4
DISTRIBUIÇÃO DOS CONVÊNIOS

Natureza da Instituição	FINEP 1974-84	FORD 1966-85
Ensino/Pesq. Univ. Federal	24	23
Ensino/Pesq. Univ. Estadual	7	10
Ensino/Pesq. Univ. Privada	13	26
Pesquisa Univ. Federal	8	—
Pesquisa Univ. Estadual	5	2
Inst. de Pesquisa Privada	17	32
Órgãos Públicos	16	4
Associações Profissionais	10	3
Total	100 (133)	100 (94)

Cabe destacar que tanto a Finep quanto a Ford alocaram os seus recursos marcadamente em convênios destinados à sustentação e desenvolvimento de programas de ensino e pesquisa, os quais representam, no caso da Finep, 74% e no caso da Ford, 93%. Com isto podemos afirmar que a demanda atendida por essas duas agências é constituída basicamente pela área acadêmica.

Expansão Geográfica e Distribuição de Recursos

A Finep é hoje tida como a principal agência de financiamento das Ciências Sociais, atuando praticamente em todas as

áreas geográficas do País. Os primeiros convênios, realizados em 1974 e 1975, foram feitos com instituições sediadas na cidade do Rio de Janeiro. Dessa época até 1984, a sua política de fomento se expandiu, atingindo todas as regiões do País.

No entanto, apesar do aumento sistemático de sua carteira de convênios e da ampliação da base territorial de sua atuação, a distribuição de recursos da Finep revela uma extraordinária concentração na cidade do Rio de Janeiro. Conforme podemos observar nas Tabelas 5, 6 e 7, a proporção de operações realizadas no Rio de Janeiro cai sistematicamente a partir de 1974/75, quando era de 100%, chegando a 30% em 1984. No entanto, a

proporção de recursos alocados nas instituições cariocas só fica abaixo dos 50% do total de recursos da Finep nos anos de 1980 e 1982. Nesses dois anos, São Paulo e Minas Gerais, respectivamente, ficaram com 59 e 46% dos recursos concedidos em cada ano. Se tomamos os anos de

1983 e 1984, quando a política da Finep passa a se recuperar do corte orçamentário sofrido em 1980, verificamos a seguinte situação: com apenas 1/3 das operações feitas pela Finep, as instituições cariocas detiveram 3/4 dos recursos alocados pela agência.

TABELA 5
A FINEP E AS CIÊNCIAS SOCIAIS
EXPANSÃO DO INVESTIMENTO
% DE RECURSOS ALOCADOS POR REGIÃO, 1974-1984

ANOS	REGIÕES					DEMAIS ITINERANTES			
	RS	SC	PR	SP	MG		ES	RJ	%
1974	—	—	—	—	—	—	100,0	—	—
1975	—	—	—	—	—	—	100,0	—	—
1976	—	—	—	—	4,2	—	95,8	—	—
1977	—	10,9	—	—	42,2	—	46,8	—	—
1978	—	9,9	—	—	21,5	—	58,4	9,3	0,9
1979	—	8,1	—	—	32,2	—	58,6	—	1,0
1980	—	—	—	—	58,6	—	29,1	—	12,3
1981	—	7,6	—	—	16,6	—	51,2	3,8	20,8
1982	—	5,5	—	—	45,6	—	28,4	7,2	13,3
1983	—	5,7	—	—	8,5	—	69,4	15,7	0,7
1984	—	2,2	—	—	19,3	—	74,3	2,3	1,9

Fonte: Pesquisa Idesp.

TABELA 6
A FINEP E AS CIÊNCIAS SOCIAIS
EXPANSÃO DO INVESTIMENTO
% DE CONVÊNIOS REALIZADOS POR REGIÃO, 1974-1984

ANOS	REGIÕES					DEMAIS ITINERANTES			
	RS	SC	PR	SP	MG		ES	RJ	%
1974	—	—	—	—	—	—	100,0	—	—
1975	—	—	—	—	—	—	100,0	—	—
1976	—	—	—	—	20,0	—	80,0	—	—
1977	—	14,3	—	—	14,3	—	71,4	—	—
1978	—	11,1	—	—	22,2	—	44,4	11,1	11,1
1979	—	11,1	—	—	33,3	—	50,0	—	55,6
1980	—	—	—	—	57,1	—	28,6	—	14,1
1981	—	7,7	—	—	30,8	—	38,5	7,7	15,4
1982	—	11,1	—	—	22,2	—	27,8	22,2	16,7
1983	—	3,4	—	—	37,9	—	35,5	20,7	3,4
1984	—	15,0	—	—	25,0	—	30,0	20,0	10,0

Fonte: Pesquisa Idesp.

TABELA 7
 A FINEP E AS CIÊNCIAS SOCIAIS
 EXPANSÃO DO INVESTIMENTO
 VALOR DOS FINANCIAMENTOS E TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL
 POR REGIÃO, 1974-1984
 (Valores Constantes de 1977)

ANOS	REGIÕES			
	RS SC PR Cr\$	SP MG ES Cr\$	RJ Cr\$	DEMAIS Cr\$
1974	—	—	1.108	—
1975	—	—	67.510	—
1976	—	428	9.789	—
1977	6.247	24.000	26.672	—
1978	5.768	12.554	34.041	5.407
1979	7.494	29.780	54.145	—
1980	—	15.105	7.508	—
1981	1.928	4.231	13.052	980
1982	1.702	14.219	8.852	2.258
1983	1.710	2.564	20.972	4.756
1984	878	7.573	29.217	918
Tx C	i = 24%	i = 43%	i = 39%	i = — 26%

Fonte: Pesquisa Idesp.

Valores são cruzeiros de 1977; centavos foram arredondados.

Ademais, a multiplicação de operações realizadas a cada ano e uma ligeira queda de concentração de recursos no Sudeste, especialmente na cidade do Rio de Janeiro, poderiam sugerir a existência de um processo de pulverização dos recursos administrados pelo DRS. No entanto, esse fato parece não ter ocorrido (ver Tabela 7). Considerando-se o ano de início de operações em uma região, vemos que o investimento feito na cidade do Rio de Janeiro e em São Paulo e Minas Gerais cresceu a taxas de 39 e 43%, respectivamente, enquanto nas demais regiões as taxas de crescimento foram negativas. Tomando-se as variações ano a ano, vemos que todas as regiões foram penalizadas pelo corte orçamentário geral ocorrido em 1980, e que nenhuma delas voltou aos níveis de investimento de 1979. No entanto, devemos atentar para a política desigual de recuperação empreendida até 1984, a qual foi fortemente favorável à região Sudeste, sobretudo ao Rio de Janeiro.

Apesar de tudo isso, a política de expansão da Finep tem sido altamente positiva para a comunidade de Ciências Sociais, notadamente a sua política de expansão geográfica. No que se refere à alocação de recursos, a Finep, na verdade, enfrenta o seguinte dilema: como distribuir os recursos existentes de tal forma que atendam as exigências de excelência das instituições sediadas no Sudeste e possam, ao mesmo tempo, incrementar o investimento nas demais regiões, de forma a permitir o seu maior desenvolvimento institucional, visto que a acumulação de apoios sucessivos é, certamente, fator fundamental para o aprimoramento da produtividade individual e institucional. Esse aspecto ficará ainda mais acentuado ao examinarmos a experiência da Fundação Ford no que se refere à expansão de sua base de atuação e distribuição de recursos.

Como já foi visto anteriormente, a Fundação Ford, nos seus primeiros quatro

anos de atuação junto à comunidade de Ciências Sociais, concentrou-se em sete instituições, sendo duas delas no Rio de Janeiro, duas em São Paulo, uma em Belo Horizonte, outra em Recife e outra em Porto Alegre. O volume de recursos alocados nessa época corresponde a 40% do total de investimentos feitos pela Ford até o ano de 1985.

A Fundação Ford começa a expandir a base geográfica de sua atuação em meados dos anos 70. É em 1977 que inicia, de

forma mais ou menos sistemática, a investir anualmente fora do eixo Rio-São Paulo-Minas. Entram no circuito, então, as regiões Nordeste e Centro-Oeste (Brasília). A região Sul teve apenas um convênio, realizado em 1969, com duração de dez anos. Embora a Ford tenha alterado a sua política de alocação de recursos, passando a atuar na forma de apoios *ad hoc*, na maioria dos casos, o fato é que ela continuou operando majoritariamente com instituições do Sudeste (ver Tabela 8).

TABELA 8

A FUNDAÇÃO FORD E AS CIÊNCIAS SOCIAIS
EXPANSÃO DOS INVESTIMENTOS
VALOR DOS FINANCIAMENTOS POR REGIÃO, 1966-1985
(em US\$ 1.000)

ANOS	REGIÕES			
	SUL	SUDESTE	RJ	DEMAIS
1966	—	864	—	—
1967	—	—	1.104	454
1968	—	291	569	—
1969	288	143	—	—
1970	—	—	—	647
1971	—	—	—	—
1972	—	—	177	323
1973	—	—	—	—
1974	—	5	—	50
1975	—	750	175	—
1976	—	56	3	—
1977	—	25	130	44
1978	—	211	41	—
1979	—	112	261	300
1980	—	150	148	1
1981	—	20	36	80
1982	—	173	432	5
1983	—	665	375	—
1984	—	163	381	257
1985	—	64	21	48

Fonte: Dados fornecidos pela Fundação Ford.

Comparativamente, a política de distribuição de recursos da Ford tem sido bem mais concentracionista do que a da Finep.

Ao longo dos 19 anos de atuação da Ford, o eixo Rio-São Paulo-Minas reteve sempre mais de 2/3 das operações e dos recursos

alocados (ver Tabela 9). O dilema apontado acima permanece e a Fundação Ford precisa enfrentá-lo, embora, *a priori*, não tenha qualquer obrigação política de fazê-

-lo, pois opera com recursos privados, o que lhe dá absoluta liberdade de decisão. O caso da Finep é diferente, uma vez que administra recursos públicos nacionais.

TABELA 9
A FINEP E A FUNDAÇÃO FORD E AS CIÊNCIAS SOCIAIS
DISTRIBUIÇÃO DO VOLUME DE OPERAÇÕES
POR REGIÃO NO PERÍODO 1966-1985

ANO	SUL		SUDESTE		RJ		DEMAIS	
	FINEP	FORD	FINEP	FORD	FINEP	FORD	FINEP	FORD
	%	%	%	%	%	%	%	%
1966	—	—	—	100	—	—	—	—
1967	—	—	—	—	—	50	—	50
1968	—	—	—	50	—	50	—	—
1969	—	34	—	66	—	—	—	—
1970	—	—	—	—	—	50	—	50
1971	—	—	—	—	—	—	—	—
1972	—	—	—	—	—	50	—	50
1973	—	—	—	—	—	—	—	—
1974	—	—	—	50	100	50	—	—
1975	—	—	—	50	100	50	—	—
1976	—	—	20	66	80	34	—	—
1977	14	—	14	28	72	57	—	15
1978	11	—	22	57	45	43	11	—
1979	11	—	33	38	50	50	—	—
1980	—	—	57	50	29	34	14	16
1981	8	—	31	34	38	34	8	16
1982	11	—	22	38	28	54	22	8
1983	3	—	38	12	34	78	21	—
1984	15	—	25	31	30	53	20	8
1985	*	—	*	43	*	29	*	14

Fontes: Finep: Pesquisa do Idesp.

Fundação Ford Dados fornecidos pela F. Ford.

* Dados relativos à Finep vão até 1984.

Obs.: Se as somas das porcentagens das respectivas colunas da Finep e da Ford forem inferiores a 100%, é porque tal diferença refere-se à proporção de convênios apoiando atividades itinerantes, tais como associações, congressos etc.

V — A Fase Moderna das Ciências Sociais e o Apoio da Ford e da Finep

A guisa de conclusão, quero ressaltar o extraordinário esforço dessas duas agências na constituição e consolidação do que

hoje constituem os centros de ponta das Ciências Sociais no País.

Na última tabela que apresento (Tabela 10), relaciono as instituições mais conhecidas e que obtiveram apoio continuado das duas agências aqui analisadas. Vemos,

então, claramente, o processo de substituição da agência financiadora principal ao longo dos 19 anos observados. A Fundação Ford inicia esse processo de constituição da fase moderna das Ciências Sociais¹¹ e, em meados dos anos 70, a Finep entra no circuito, com a tarefa de consolidar a atual comunidade de cientistas sociais, complementada pela atuação da Capes e do CNPq.

A comunidade de cientistas sociais foi participe na montagem desse arcabouço. Como é do conhecimento de todos nós, a formulação das políticas de fomento às Ciências Sociais tornou-se cada vez mais agressiva em função da atuação daqueles que se constituíram na "primeira" geração dessa fase moderna, apesar das adversidades da conjuntura política da época.

TABELA 10
A FINEP E A FUNDAÇÃO FORD E AS CIÊNCIAS SOCIAIS
ESTRATÉGIA DE FOMENTO NO PERÍODO 1966-1985
(Alguns Exemplos)

BENEFICIÁRIO	APOIO	COBERTURA	
		1966	1985
DCP-UFMG	Ford Finep	1966	1985
			78-79
Iuperj	Ford Finep	67	85
			76-85
Museu Nacional	Ford Finep	68	85
			74-85
Cpdoc	Ford Finep		85
			75-85
Sociologia Rural/USP	Ford —	69	80
Cebrap *	Ford Finep	69	85
			85
Cedec	Ford Finep		85
			79-82
Idesp	Ford Finep		85
			81-85
Antropologia/Unicamp	Ford Finep		84
			74-83-85
Nepp/Unicamp	Ford Finep		85
			82-85
Pimes/UFPe	Ford Finep	70	84
			78-80
Sociologia Rural/UFRGS	Ford Finep	69	80
			81-85

Fontes: Fundação Ford: Dados fornecidos pela Fundação.
Finep: Pesquisa Idesp.

* A Finep apoiou anteriormente o Cebrap através de convênio com a Fundap/SP, segundo depoimento à Pesquisa Idesp.

Notas

1. Ver José Murilo de Carvalho e Maria Susana Soares, "O Financiamento das Ciências Sociais", Relatório da Comissão de Pós-Graduação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais — Anpocs, outubro de 1986.
2. A descentração de apoios da Fundação Ford, que passa a atender instituições voluntárias, decorreu de uma mudança de política interna, após a troca da presidência da Fundação neste período.
3. Para avaliarmos comedidamente o desenrolar da política de financiamento da Fundação Ford no Brasil, é importante destacar a imensa queda orçamentária ocorrida em 1976, devido a perdas patrimoniais da Fundação nos Estados Unidos. Segundo Peter Fry, a Ford começou a se recuperar somente nos anos de 1983-84. O reflexo deste fato pode ser visto no Gráfico 1.
4. O DRS era o departamento da Finep responsável pela execução da política de fomento na área social onde as Ciências Sociais se enquadravam. Após as recentes reformas internas na Finep, este departamento foi extinto.
5. Está excluído o apoio individual, quer sob forma de bolsa ou de apoio financeiro a pesquisas individuais, posto que a Finep não opera com essas modalidades de apoio.
6. Cabe ressaltar, neste particular a decisão da Fundação Ford de apoiar os cientistas sociais brasileiros expurgados do circuito universitário durante as ondas de cassações que ocorreram em 1964 e 1968. Notadamente, o apoio da Fundação ao Iuperj e ao Cebrap, criados por cientistas cassados ou que estavam na "mira" da repressão naqueles dois momentos. Agradeço a Peter Fry a confirmação desses detalhes.
7. Os dados relativos à atuação da Finep são da pesquisa por mim coordenada no IDESP cujos resultados estão sumarizados em A Finep e as Ciências Sociais: 1974 a 1984, trabalho apresentado no X Encontro Anual da Anpocs, 1986. Os dados relativos à atuação da Fundação Ford foram parcialmente retirados do relatório feito para a Anpocs por José Murilo de Carvalho e de informações colhidas junto à Ford, que me forneceu uma *listagem completa das suas dotações destinadas ao financiamento de todas as áreas científicas no Brasil*.
8. Tal análise foi possível no caso da referida pesquisa sobre a Finep, como apresentarei adiante.
9. O salário mínimo para as regiões Sul e Sudeste era de Cr\$ 1,1 mil, em 1977.
10. Apenas a título de curiosidade, quero ressaltar o seguinte: quando analisei a composição substantiva dos GTs da Anpocs, para formação de uma base de classificação temática, me impressionou o fato de nunca ter existido um GT dedicado ao estudo da Mobilidade e Estratificação Social, temas por excelência da Sociologia.
11. Por fase moderna das Ciências Sociais refiro-me apenas ao período posterior à criação dos centros de pós-graduação e dos institutos privados de pesquisa acadêmica, a partir dos anos de 1967/68.